

Cliente: Território do Brincar
Veículo: Diário da Região
Cidade: São José do Rio Preto
Data: 22/11/2015
Página: Suplemento | Revista Bem Estar - páginas 16 e 17

DIÁRIO DA REGIÃO

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

ENTREVISTA

CRIANÇA

PRECISA BRINCAR



Documentário da educadora Renata Meirelles fala da importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil

Juliana Ribeiro

Há duas décadas a educadora Renata Meirelles, ao lado do marido, David Reick, busca pelo Brasil visitando comunidades indígenas e quilombolas para registrar as brincadeiras das crianças. Enquanto o Reick filma, Renata fotografada e conversa com as pessoas. Dessa maneira surgiu o documentário "Território de Brincar". O projeto é um trabalho de pesquisa, acadêmica de vídeo, registro e difusão da cultura indígena. O filme foi lançado em maio deste ano e já foi exibido em salas de cinema brasileiras, explica Renata. "Percebemos o Brasil com a péssima realidade educacional nas mídias. O projeto trabalha com o modo de olhar para a criança e seu modo de brincar, focando-se que há de mais belo e potente na infância", diz.

Segundo a educadora, o documentário é uma opção de trabalhar as vertentes mais fortes da cultura, em vez de permanecer discutindo e analisando os seus problemas e dificuldades. "Observar e brincar profundamente nos ensina não só sobre a infância, mas sobre o ser humano de maneira geral. No filme, estamos falando de todos nós, por isso do brincar infantil, como se pudéssemos fazer um retrato humano através dessas brincadeiras que dizem respeito à arquitetura e a um posicionamento coletivo do ho-

mem", relembra.

Revista Bem-Estar - Você acha que as crianças estão brincando menos?

Renata Meirelles: Principalmente, é preciso observar ao mundo que, ao contrário do que diz a maioria dos adultos, as crianças brincam, sim. Deveríamos de adulto de que "a criança de hoje em dia não sabe mais brincar" é um reflexo claro de que não sabemos mais o olhar a criança. Em alguns momentos, quando mais acreditamos que as crianças não brincam, mais tentamos que ocupar seu tempo ocioso com serviços, cursos ou atividades, e consequentemente brincadeiras e atividades educacionais. E isso nos leva a consolidar o fazer de rotinas de tempo e espaços de brincar infantil. Quem vive atropelado de tempo livre não vai ter qualquer ideia. Da mesma forma com o espaço. Isso, porém, não significa que as crianças de grandes metrópoles não estejam tendo a chance de viver relações profundas com o uso de seu tempo, e que vivam essas experiências de espaço significativas para o brincar. Os valores de cada família são determinantes de espaço e tempo interno, que se relacionam até mesmo com o espaço que. Quem vê menos tempo livre não sabe o que é brincar, e assim, por sua vez, restringem na maneira como. Ou seja, de modo geral, crianças que não estão recebendo brincadeiras próprias de espaços e diversão, vivem instituições ou não, sofrem da limitação do dia, tendem a viver tempo atropelado e estão mais conectadas com seus próprios desejos e valores pessoais.

Bem-Estar - Como é para você viajar pelo País e conhecer as diversas brincadeiras das crianças?

Renata: Desde 1996, vivo esse encontro com crianças das mais diversas regiões brasileiras, em um intenso movimento de brincadeiras e brincadeiras. Em 2000, conheci David Reick e, juntos, criamos o projeto TERRITÓRIO DE BRINCAR. Em 2001, partimos para a Amazônia e percorremos as comunidades indígenas e quilombolas de Amapá, Pará, Amazonas, Roraima e Acre. Com os projetos do BIRA, produzimos



Quem é

Quem é Renata Meirelles e educadora e há 18 anos vem viajando por todos os cantos do Brasil pesquisando, escrevendo e registrando a infância brasileira

diversos filmes de curta-metragem, premiados em várias festivais de cinema, e o livro "Crianças Brincando", pela Editora Terceiro Nome, vencedor do Prêmio Jabuti em 2008. Em 2012, nasceu o Projeto Território do Brincar, no qual viajamos por 21 meses consecutivos, visitando nove estados brasileiros e nos aproximando ainda mais do cotidiano infantil. Com essa experiência, estamos percebendo que as brincadeiras se repetem, como se existissem certas "formas" que precisam ser vividas pelas crianças, e a que cabe tentar achar a melhor forma de experiências. Brincadeiras de cachaça, usar armadilhas, brincar com carrinho e barcos, se esconder e ser achado, pular corda, amarelinha, jogos simbólicos, etc, representam um repertório que aponta a criança para além de regionalismos. São brincadeiras universais que representam a todos nós, independentemente da cultura que estamos inseridos.

Bem-Estar - Há muitas crianças brincando e inventando suas brincadeiras?
Renata - O Brasil é um país de diversidade, das inúmeras possibilidades de se viver, e isso podemos sentir no brincar das crianças. Há milhares de crianças inventando as mais diversas formas de brincar. Crianças que inventam: histórias, brinquedos, ou inventam formas de brincar com revistas, revistas e objetos da natureza. Criam castelos, esconderijos, engenhocas, sapas, sacos, calango, etc, brinquedos, com um imaginário rico, vivo, potente. E isso é passível de ser em todos os contextos e das mais diversas. Há formas diversificadas de fazer coisas interessantes. Um bom exemplo disso são os meninos das mais diversas regiões brincando com seus serrões. Algo diverso, simples e de conhecimento geral de todos. Construídos pelos meninos, misturados com peças industriais e objetos comprados, prontos em

"Ao contrário do que dizem os adultos, as crianças brincam, sim. Esse mantra de que a criança de hoje em dia não sabe mais brincar é um reflexo claro de que não sabemos mais olhar a criança"

loca, o desejo por esses brinquedos é absolutamente instigante ao menino, muito mais do que se imagina. O gesto recorrente de empurrar, puxar ou dar volta ao redor, girar, girar, girar, girar, girar não é uma regra específica de uma única idade. Por isso, para além do carro em si, mais opção é por manter o desejo do menino de se mover, transitar.

Bem-Estar - O que acham das brincadeiras por...

Renata - O brinquedo pronto reflete o olhar de um adulto, de uma indústria, de um saber específico. Existem brinquedos multiculturais que ampliam e potencializam o imaginário infantil, assim como existem brinquedos com restrições de uso e respostas limitadas, que estão muito além das capacidades infantis. Ter em casa apenas o pronto, o brinquedo industrializado, pode restringir o mesmo diálogo com o mundo proposto pela própria criança.



CRIANÇA PRECISA BRINCAR



Documentário da educadora Renata Meirelles fala da importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil

Juliana Ribeiro
juliana.ribeiro@diarioderevistas.com.br

Há duas décadas a educadora Renata Meirelles, ao lado do marido, David Reeks, viaja pelo Brasil visitando comunidades rurais, indígenas e quilombolas para retratar as brincadeiras das crianças. Enquanto Reeks filma, Renata fotografa e conversa com as pessoas. ~~Dessa aventura surgiu o documentário "Território de Brincar".~~ "O projeto é um trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão da cultura infantil. O filme foi lançado em maio desse ano e já foi exibido em todas as regiões brasileiras", explica Renata. "Percorremos o Brasil com o pé na estrada e uma câmera nas mãos. O projeto trabalha com o modo de olhar para a criança e seu jeito de brincar, focando no que há de mais belo e potente na infância", diz.

Segundo a educadora, o documentário fez uma opção de traduzir as vertentes mais fortes da infância, em vez de permanecer discutindo e analisando os seus problemas e dificuldades. "Observar o brincar profundamente nos ensina não só sobre a infância, mas sobre o ser humano de maneira geral. No filme, estamos falando de todos nós por meio do brincar infantil, como se pudéssemos fazer um retrato humano através dessas brincadeiras que dizem respeito a arquétipos e a um inconsciente coletivo do ho-

Divulgação

mem”, relata.

Revista Bem-Estar - Você acha que as crianças estão brincando menos?

Renata Meirelles - Primeiramente, é preciso comunicar ao mundo que, ao contrário do que diz a maioria dos adultos, as crianças brincam, sim. Esse mantra do adulto de que “a criança de hoje em dia não sabe mais brincar” é um reflexo claro de que não sabemos mais olhar a criança. Em última instância, quanto mais acreditarmos que as crianças não brincam, mais teremos que ocupar seu tempo ocioso com serviços, cursos ou instituições, e consumir brinquedos e aparelhos eletrônicos. E isso nos leva a consolidar o fator de redução de tempo e espaços do brincar infantil. Quem vive cercado de tempo livre não saberá usufruir dele. Da mesma forma com o espaço. Isso, porém, não significa que crianças de grandes metrópoles não estejam tendo a chance de viver relações profundas com o uso de seu tempo, e que vivam apenas cercadas de espaços significativos para o brincar. Os valores de cada família são definidores de espaços e tempos internos, que se sobressaem aos tempos e espaços reais. Quem oferece tempo semeia isso nas crianças, e essas, por sua vez, retribuem na mesma moeda. Ou seja, de modo geral, crianças que não estão recebendo uma carga intensa de propostas e deveres, sejam institucionais ou não, e usufruem da liberdade do ócio, tendem a viver tempos alongados e estão mais conectadas com seus próprios desejos e buscas pessoais.

Bem-Estar - Como é para você viajar pelo País e conhecer as diversas brincadeiras das crianças?

Renata - Desde 1996, vivo esse encontro com crianças das mais diversas regiões brasileiras, em um intenso intercâmbio de brinquedos e brincadeiras. Em 2000, conheci David Reeks e, juntos, criamos o projeto BIRA – Brincadeiras Infantis da Região Amazônica. Em 2001, partimos para a Amazônia e percorremos 16 comunidades indígenas e ribeirinhas do Amapá, Pará, Amazonas, Roraima e Acre. Com os registros do BIRA, produzimos

diversos filmes de curta-metragem, premiados em vários festivais de cinema, e o livro “Giramundo”, pela Editora Terceiro Nome, vencedor do Prêmio Jabuti em 2008. Em 2012, nasceu o Projeto Território do Brincar, no qual viajamos por 21 meses consecutivos, visitando nove estados brasileiros e nos aproximando ainda mais do cotidiano infantil. Com essas experiências, estamos percebendo que as brincadeiras se repetem, como se existissem certos “temas” que precisam ser vividos pelas crianças, e a elas cabe tentar achar a melhor forma de experimentá-los. Brincar de casinha, usar arminhas, brincar com carrinhos e barcos, se esconder e ser achado, pular corda, amarelinha, jogos simbólicos, etc, representam um repertório que espelha a criança para além de regionalismos. São brincadeiras universais que representam a todos nós, independentemente da cultura que estamos inseridos.

Bem-Estar - Há muitas crianças brincando e inventando seus brinquedos?

Renata - O Brasil é um país da diversidade, das inúmeras possibilidades de se viver, e isso podemos sentir no brincar das crianças. Há milhares de crianças inventando as mais diversas formas do brincar. Crianças que constroem carrinhos, barquinhos, ou inventam formas de brincar com restos, sucatas e objetos da natureza. Criam casinhas, esconderijos, engenhocas, caçam insetos, calangos, tatu bolinhas, têm um imaginário rico, vasto, potente. E isso é possível de se ver em todos os contextos e classes sociais. Há formas diversificadas de fazer coisas semelhantes. Um bom exemplo disso são os meninos das mais diversas regiões brincando com seus carrinhos. Algo óbvio, simples e de conhecimento geral de todos. Construídos pelos meninos, montados com peças industrializadas ou comprados prontos em

“Ao contrário do que dizem os adultos, as crianças brincam, sim. Esse mantra de que a criança de hoje em dia não sabe mais brincar é um reflexo claro de que não sabemos mais olhar a criança”



Quem é

Quem é Renata Meirelles é educadora e há 19 anos vem viajando por todos os cantos do Brasil pesquisando, escrevendo e registrando a infância brasileira

lojas, o desejo por esses brinquedos é absolutamente intrínseco ao menino, muito mais do que às meninas. O gesto recorrente de empurrar, puxar ou dar vida aos carros, barcos, aviões, trens, etc. não é de uma região específica ou de uma época datada. Por isso, para além do carro em si, nossa opção é por mostrar o desejo coletivo do menino de ir, seguir, transitar.

Bem-Estar - O que acham dos brinquedos prontos?

Renata - O brinquedo pronto reflete o olhar de um adulto, de uma indústria, de um saber específico. Existem brinquedos incríveis que ampliam e potencializam o imaginário infantil, assim como existem brinquedos com restrições de uso e respostas limitadas, que estão muito aquém das capacidades infantis. Ter em casa apenas o pronto, o brinquedo industrializado, pode restringir o intenso diálogo com o mundo proposto pela própria criança.